

A RÚSSIA DE PUTIN

Nuno Alegria

PETER BAKER

e SUSAN GLASSER

**Kremlin Rising:
Vladimir Putin's
Russia and the
End of Revolution**

Nova York,
Scribner,
2005, 453 páginas

Em 1999, Rodric Braithwaite, antigo embaixador inglês em Moscovo durante o colapso da URSS, afirmava que a Rússia actual permanecia incompreensível para os estrangeiros. O resto do mundo, segundo Braithwaite, continuava a considerar a Rússia uma pátria de grandes criminosos e de aventureiros nacionalistas loucos que constituíam um grave perigo para a segurança mundial, imagem essa que era sobretudo divulgada em inúmeros filmes e romances ocidentais. Mais recentemente, o assassinato da jornalista russa, Anna Politkovskaya, e o posterior envenenamento, em Londres, de um antigo espião do KGB, Alexander Litvinenko, ambos críticos declarados do Governo de Putin, em nada contribuiu para melhorar a ideia que os europeus têm deste gigante «euro-asiático».

POR QUE É QUE A RÚSSIA NOS DEVE INTERESSAR?

Actualmente, as fronteiras entre a Rússia e a União Europeia (UE) estão cada vez mais próximas, sobretudo depois do alargamento da União aos países do Leste europeu, em 2004. À antiga divisão entre

o mundo livre e o mundo comunista, que vigorou durante a Guerra Fria, sucede agora uma Europa finalmente unida, apesar de todas as divergências entre os seus actuais membros. Bruxelas considera a Rússia um parceiro essencial quer ao nível energético quer na luta contra as ameaças comuns, como é o caso do terrorismo internacional ou do tráfico de droga. Do lado russo, existe todo o interesse em reforçar as relações com o «gigante económico» europeu. Europeus e russos têm, assim, que aprender a trabalhar em conjunto para conseguirem fazer valer os seus interesses num mundo cada vez mais globalizado.

Desta maneira, torna-se essencial compreender a evolução interna da Rússia de Putin para não cair no erro de formular explicações demasiado simplistas e apresadas acerca da mesma. O livro *Kremlin Rising: Vladimir Putin's Russia and the End of Revolution* ajuda-nos certamente nessa tarefa. Os seus autores, Peter Baker e Susan Glasser, são dois jornalistas norte-americanos que, entre Janeiro de 2001 e Novembro de 2004, foram chefes de gabinete do jornal norte-americano *The Washington Post*,

em Moscovo. Num estilo narrativo muito acessível, Baker e Glasser traçam um retrato claro da situação política, económica e social da Rússia, durante o primeiro mandato do Presidente Vladimir Putin. O recurso a diversas entrevistas feitas quer a cidadãos comuns – desde comerciantes a taxistas, passando por jovens alunos do liceu – quer a políticos ou a empresários russos concede vivacidade à narrativa e permite ao leitor ter uma visão muito apelativa da vida quotidiana do país.

A mensagem central da obra é simples: Putin, após ter sido eleito Presidente da Federação Russa, em Março de 2000, iniciou um processo de reconsolidação do poder do Kremlin e transformou a Rússia num estado autoritário. Boris Ieltsin surpreendeu tudo e todos quando anunciou a sua retirada da cena política, a 31 de Dezembro de 1999, e nomeou o até então pouco conhecido primeiro-ministro, Vladimir Putin, para o cargo de Presidente Interino. Segundo Peter Baker e Susan Glasser, uma vez eleito, o Presidente Putin acabou com as tentativas de transição democrática vindas da época do seu antecessor e centralizou o poder político, tentando a todo o custo ultrapassar o caos económico e a instabilidade política que marcaram os últimos anos do Governo de Ieltsin.

Podemos encontrar inúmeros capítulos ricos em descrições rigorosas não só dos principais acontecimentos políticos que marcaram a vida pública russa ao longo destes quatro anos, como também das principais personagens que tiveram um papel determinante em muitos deles. Baker

e Glasser analisam detalhadamente todo o processo que conduziu Putin ao mais alto cargo do país, a falta de transparência nas eleições presidenciais e as medidas tomadas pelo novo Presidente para centralizar o poder político em torno do Kremlin, desde o domínio dos media russos, passando pela limitação das prerrogativas dos poderes locais até à perseguição aos principais oligarcas que no tempo de Ieltsin tinham ganho uma forte influência junto do Governo. A prisão do magnata russo, Mikhail Khodorkovsky, dono da Yukos – uma empresa petrolífera que controlava dois por cento da produção de hidrocarbonetos no momento da eleição de Putin para a Presidência – é um exemplo do desejo do Kremlin de controlar a economia russa. Além disso, o caso «Yukos» manifesta também, segundo os autores, o desrespeito pelos princípios mais elementares de um Estado de Direito, num país em que a mentalidade autoritária soviética ainda influencia grande parte das decisões políticas.

UM PAÍS DE CONTRASTES

Em termos económicos e sociais, o retrato da Rússia apresentado por Baker e Glasser é o de um país profundamente contraditório. Existem ainda inúmeras disparidades regionais, sobretudo entre a cidade rica e desenvolvida de Moscovo, uma cidade moderna repleta de novos centros comerciais e luxuosos hotéis, e as restantes regiões russas, como a Sibéria, onde a população vive numa situação de miséria extrema. Apesar de, na sua generalidade, o povo russo viver melhor do que vivia durante os tempos da União Soviética.

tica, o fosso que separa os ricos dos pobres é muito acentuado: enquanto os 36 homens mais ricos da Rússia têm uma fortuna que equivale a cerca de 24 por cento do PIB nacional, o salário mínimo actual é de 150 dólares.

Se bem que os autores tentem ser imparciais nas suas avaliações, é impossível não deixar de notar que a imagem da Rússia por si exposta neste livro não é muito lisonjeira, isto se a analisarmos de acordo com os padrões do Ocidente europeu: a tragédia do massacre de Beslan; as agressões físicas infligidas aos jovens militares russos por oficiais superiores; a corrupção generalizada; a insuficiência do sistema de saúde e a crise demográfica que o país atravessa, não contribuem em nada para melhorar a sua imagem junto da comunidade internacional. *Kremlin Rising* deve ser por isso lido com cuidado e atenção: ao mesmo tempo que lança um novo olhar sobre a actualidade russa, o livro pode acabar, ironicamente, por reforçar a visão antes apresentada por Rodric Braithwaite de um país de criminosos, corruptos e ditadores.

Talvez devido ao facto de os seus autores serem jornalistas, *Kremlin Rising* é um livro demasiado preso às circunstâncias actuais e tem uma grave falta de profundidade histórica: Baker e Glasser não recuam suficientemente no tempo para tentar encontrar as causas da «deriva» autoritária russa. Uma vez que a democracia russa é jovem e que a Rússia sempre conheceu regimes autoritários, desde o tempo dos czares até ao longo período comunista, não pode-

mos afirmar que o processo de centralização do poder levado a cabo por Putin é uma tendência da própria cultura política do país? Poderemos realmente afirmar, tal como os autores o fazem, que a ex-república soviética conheceu na década de 90, durante o Governo de Ieltsin, uma verdadeira «revolução democrática»? Terá a reeleição de Boris Ieltsin para a Presidência, em 1996, sido realmente transparente e de acordo com os princípios democráticos ocidentais?

Kremlin Rising é também um livro quase inteiramente dedicado à situação interna da Rússia. Ora, num mundo cada vez mais globalizado nunca se poderá compreender a fundo a realidade interna de um país ignorando as suas relações com o resto da comunidade internacional. Os autores poderiam ter concedido uma maior atenção ao relacionamento russo-europeu, pois as relações entre Bruxelas e Moscovo são de uma enorme importância para a estabilidade e a segurança do espaço euro-asiático. Sobre este assunto, o livro de Andrew Jack, jornalista do *Financial Times*, *Inside Putin's Russia* (Granta Books, 2005) é mais completo.

Portanto, *Kremlin Rising* é um livro pertinente, inteligente mas talvez demasiado «actual», e cuja leitura não deixa de nos obrigar a colocar uma questão: será a Rússia alguma vez capaz de se aproximar verdadeiramente do modelo político democrático e liberal do Ocidente europeu? As próximas eleições presidenciais, em 2008, dirão se o futuro sucessor de Putin estará realmente disposto a fazê-lo. **RJ**